

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: UMA FERRAMENTA PEDAGÓGICA PARA O DESENVOLVIMENTO DA LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

MIGUEL, Eliana Alves¹
LEANDRO, Cleiciane Vedovetto²
CORREIA, Samara Juliana da Costa³
COSTA, Joice Emanuele da⁴
SILVA, Cleusmária Pereira da⁵
COSTA, Claudia Borges da⁶

RESUMO: Neste presente trabalho buscamos analisar em que medida e de que forma as atividades lúdicas em sala de aula corroboram no processo de apropriação de leitura dos alunos, com dois (2) anos de idade, matriculados no Maternal 1 - Educação Infantil. A pesquisa bibliográfica, a observação *in lócus* e os materiais coletados, serviram para estruturar e sistematizar o referido trabalho. Assim, os resultados da pesquisa apontam que os materiais escolhidos pela professora e a metodologia utilizada para o desenvolvimento da atividade de contação de histórias, fizeram toda a diferença, na potencialização da leitura, em razão do processo psicossocial pelo qual passam essas crianças. Isso significa dizer que as crianças dependem significativamente de atividades lúdicas e concretas para aprender com prazer.

PALAVRAS-CHAVE: Crianças; Professora; Metodologia

INTRODUÇÃO

Partindo do pressuposto de que o brincar é dos princípios fundamentais para o desenvolvimento de habilidades e conceitos. Assim entendemos que um dos desafios de uma escola de Educação Infantil é potencializar a leitura, principalmente,

¹ Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia pela UNEMAT. Especialista em Educação Infantil pelo Centro Universitário Barão de Mauá. Técnica de Desenvolvimento Infantil efetiva na Creche Municipal Thayná Gabrielly Oliveira Moraes, em Juara-MT. e-mail: eliana.amiguel@gmail.com

² Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia pela UNEMAT. Especialista em Educação Infantil pela Faculdade de Educação São Luís. Professora efetiva na Creche Municipal Thayná Gabrielly Oliveira Moraes, em Juara-MT. E-mail: cleici_vedovetto@hotmail.com

³ Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia pela UFMT. Técnica de Desenvolvimento Infantil efetiva na Creche Municipal Luiz Inácio do Nascimento, em Juara-MT. E-mail: samarasjc@hotmail.com

⁴ Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia pela UNEMAT. Especialista em Educação Infantil pela Faculdade de Educação São Luís. Técnica de Desenvolvimento Infantil efetiva na Creche Municipal Luiz Inácio do Nascimento, em Juara-MT. E-mail: joicemanuele@gmail.com

⁵ Tecnóloga em Gestão Pública pela Facinter. Especialista em Educação Infantil pelo Centro Universitário Barão de Mauá. Técnica de Desenvolvimento Infantil efetiva na Creche Municipal Thayná Gabrielly Oliveira Moraes, em Juara-MT. E-mail: cleusmaria.pereira@gmail.com

⁶ Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia pela UNEMAT. Especialista em Educação Infantil pela Faculdade de Educação São Luís. Professora efetiva na Creche Municipal Thayná Gabrielly Oliveira Moraes, em Juara-MT. E-mail: claudianhn@hotmail.com

por meio de atividades que estimulem o ato criativo dos indivíduos, para que, na vida social, eles consigam usufruir dos conhecimentos aprendidos.

Desse modo, a contação de histórias é um dos mecanismos utilizados para essa fase e o material utilizado para isso certamente fará toda a diferença, em razão do processo psicossocial pelo qual passam essas crianças. Isso significa dizer que as crianças dependem significativamente de atividades lúdicas e concretas para aprender com prazer.

O presente trabalho tem como objetivo compreender de que forma as atividades lúdicas em sala de aula corroboram no processo de apropriação de leitura dos alunos, com dois (2) anos de idade, matriculados no Maternal 1 - Educação Infantil.

DESENVOLVIMENTO

Chupil (2015) menciona que durante um longo período da história, as crianças não eram consideradas como seres em desenvolvimento, eram tidas como adultos em miniatura. Assim, aprendizagem acontecia por meio de interações estabelecidas com os mais velhos, pois os mesmos as tratavam de igual para igual. Tratava-se não de uma educação, mas de uma criação, que era incumbida às mulheres esta responsabilidade.

Nesse sentido podemos ressaltar que por muito tempo as crianças só tinham acesso à escola a partir dos sete (7) anos de idade e a função desta era apenas reproduzir a tradição cultural das famílias.

O surgimento das creches se deu no fim do século XVIII, e o seu objetivo principal era a guarda e alimentação dos filhos das mulheres que precisavam trabalhar fora de casa.

Com a Revolução Industrial, a procura pelas creches aumentou significativamente, pois a mão-de-obra manufaturada caseira tornou-se desvalorizada, assim muitas mulheres foram obrigadas a trabalhar em fábricas, necessitando de algum lugar para deixar os filhos. Essas instituições atendiam as crianças de modo assistencialista.

Assim, podemos dizer que a creche surgiu como uma instituição assistencial que ocupava o lugar da família, nas mais diversas formas de ausência. Podemos também dizer que a organização da família moderna

atribuía para si a responsabilidade pelo cuidado e educação da criança pequena. Portanto, somente as famílias que não conseguiam atender essa função é que utilizavam a creche. (SEBASTIANI, 2009, p. 49).

Somente depois do fim da Segunda Guerra Mundial, houve alguns avanços estas instituições começaram a ser regulamentadas e inspecionadas periodicamente, “com isso começou a surgir à preocupação com relação a métodos de ensino e desenvolvimento da linguagem”. (CHUPIL, 2015, p. 11).

Após o surgimento de alguns precursores da Educação Infantil como: Rousseau, Pestalozzi, Froebel, Montessori entre outros, o modo de lidar com as crianças mudou, consideravelmente, pois segundo esses pensadores as crianças são seres em constante desenvolvimento capazes de aprender através de interações e estabelecer relações afetivas com outros.

No Brasil, podemos dizer que as instituições de Educação Infantil (creches), surgiram com o processo de urbanização e industrialização do país, pois muitas mulheres que ingressavam no mercado de trabalho necessitavam de um local para deixar seus filhos.

[...] a creche no Brasil surge acompanhando a “estruturação do capitalismo, a crescente urbanização e a necessidade de reprodução da força de trabalho”, ou seja, ia desde a liberação da mulher-mãe para o mercado de trabalho até uma visão de mais longo prazo em preparar pessoas nutridas e sem doenças. (SESTIANI, 2009, p. 49).

Isso significa que o atendimento das creches nesse período se resumia apenas em cuidados alimentares e higiênicos.

Durante muito tempo poucos avanços ocorreram em relação à educação infantil. As mudanças significativas começaram acontecer na década de 1980, “[...] com a abertura política as camadas populares passaram a exigir ampliação do acesso à escola, incluindo a oferta da Educação Infantil [...]”.(CHUPIL, 2015, p. 13).

Essa afirmação é relevante, pois nesse período a criança começa a ser considerada como um ser sócio-histórico que se desenvolve constantemente através das interações, de acordo com a teoria sociointeracionista de Vygotsky.

Na década de 1990, a comunidade educacional mobiliza-se em busca da consolidação e criação de documentos de amparo legal para Educação Infantil. Um dos primeiros atos foi “A reestruturação da LDB 9.394/96, no artigo 21 coloca a Educação Infantil com primeiro nível da Educação Básica, formaliza a

municipalização dessa etapa de ensino”. (CHUPIL, 2015, p. 13). Assim, a Educação Infantil uma responsabilidade total dos municípios. Nessa década também é criado um documento importantíssimo para Educação Infantil, o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI). De acordo com Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (2001a, p. 13).

Este documento constitui-se em um conjunto de referências e orientações pedagógicas que visam a contribuir com a implantação ou implementação de práticas educativas de qualidade que possam promover e ampliar as condições necessárias para o exercício da cidadania das crianças brasileiras.

Nessa perspectiva, a finalidade deste documento é nortear o trabalho pedagógico com crianças de 0 a 6 anos de idade, em que três princípios básicos devem ser considerados: Educar, Cuidar e Brincar, pois são fundamentais no desenvolvimento das crianças nesta fase.

No ano de 2001, foi sancionado o Plano Nacional de Educação (PNE), pela Lei 10.172, que estabelece a ampliação e oferta de vagas para a Educação Infantil.

Durante esse período,

O MEC elaborou e publicou diversos documentos nacionais orientadores das ações para a educação infantil, são eles: as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil; os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil; a Política Nacional de Educação Infantil, o Programa de Formação Inicial para Professores em exercício em Educação Infantil – Proinfantil; os Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil e os Parâmetros Básicos de Infraestrutura para instituições de Educação Infantil. (SEBASTINI, 2009, p. 56).

Enfim, do ano de 2001 até o ano de 2015, muitos avanços significativos aconteceram em relação a Educação Infantil no Brasil.

Desde muito cedo, ainda bebê a criança começa a fazer leitura de tudo que os rodeia através do olhar. A leitura da criança nesta fase é feita por meio de desenhos e imagens. Nos primeiros anos de vida por meio de observações a criança consegue expressar sentimentos, emoções, sensações essa é forma de comunicação nesse período, essa comunicação é permitida através da interação com o meio.

Sendo assim, é de suma importância que os educadores que atuam na educação infantil, utilizem e explorem imagens, gravuras e desenhos para que a leitura seja potencializada nesta fase da educação da criança.

Segundo Craidy & Kaercher (2001), a criança aprende por meio de interações entre as crianças, entre elas e os adultos e entre os adultos. Para que as crianças gostem de ler e tenham relação com a literatura, é necessário que tenham um contato frequente e agradável com o livro, torná-lo próximo das crianças como um brinquedo. A importância que o livro em nossa cultura, isso só irá compreender futuramente, se o adulto for um contador de histórias competente e cativante (que dá vida às histórias e aos personagens, compartilha as emoções).

Assim, a prática de contar história para as crianças segundo Arce e Martins (2007), precisa ser inserida na rotina das escolas de educação infantil, é uma atividade simples, mas precisa ser pensada, planejada e preparada, pois nesta fase é primordial a interação da criança com o adulto.

Essa afirmação corrobora com o que dizem Craidy & Kaercher (2001, p. 83)

[...] para formar crianças que gostem de ler e vejam na leitura e na literatura uma possibilidade de divertimento e aprendizagens, precisamos ter, nós adultos, uma relação especial com a literatura e a leitura: precisamos gostar de ler, ler com alegria, por diversão; brigando com o texto, discordando, desejando mudar o final da história, enfim, costurando cada leitura, como um retalho colorido, a grande colcha de retalhos – colorida, significativa – que é nossa história de leitura.

Isso significa, que a maioria das crianças desde muito cedo estão em contato diário com as tecnologias atuais, é necessário investir em atividades de leituras criativas, inovadoras, cativante e prazerosas para que as crianças tomem hábito e gosto pela leitura.

Através das atividades lúdicas a criança terá oportunidade de desenvolver capacidades indispensáveis a sua futura atuação tanto na vida pessoal e profissional, tais como atenção, afetividade, interação, socialização e concentração entre outras habilidades que são importantes para o desenvolvimento da leitura.

A brincadeira favorece a auto-estima das crianças auxiliando-as a superar progressivamente suas aquisições de forma criativa. Brincar contribui, assim, para a interiorização de determinados modelos de adulto, no âmbito de grupos sociais diversos. Essas significações atribuídas ao brincar transformam-no em um espaço singular de constituição infantil. (BRASIL a, 2001, p. 27.)

Diante disso, cabe ao educador observar esses momentos com um olhar crítico para compreender, entender e conhecer melhor os seus alunos, pois é através das brincadeiras que as crianças que na maioria das vezes, expressam o que sentem sem receio e sem timidez. “através do brincar. Elas procuram integrar experiências de dor, de medo e perda. (KISHIMOTO, 2008, p. 67). Isso nos remete

dizer que muitas vezes as crianças não conseguem se expressar por meio da oralidade e é através das atividades lúdicas ela faz essa comunicação com o adulto.

Nessa perspectiva Prosser (2012, p.19) enfatiza que:

Ao permitirmos que a criança exercite a sua criatividade fazendo desenhos, pintando, cantando, dançando, representando, modelando, criando histórias, brincando com palavras, sonoridades ou gestos, estamos estimulando-a a desenvolver sua capacidade de se expressar e, ao mesmo tempo, de resolver sozinha os problemas que enfrentará no seu dia a dia.

Essa afirmação é relevante, pois muitas vezes as atividades lúdicas são consideradas apenas como entretenimento, mas além das crianças se divertirem elas também aprendem, pois é através dos jogos e brincadeiras que as crianças constroem uma aprendizagem significativa.

Nesse sentido, Haetinger (2012, p.94) menciona que:

As experiências do brincar na escola auxiliam a formação de vínculos entre alunos e professores e certamente facilitam a aprendizagem. Brincar faz parte do desenvolvimento sadio e pleno dos indivíduos. Na educação, a brincadeira funciona como vivência ou uma simulação de experiências e conteúdo, aproximando-os do universo dos alunos. Independentemente da idade dos participantes, as brincadeiras criativas resgatam o caráter lúdico, o prazer, a alegria, o poder de imaginar e criar próprios do ser humano.

Assim as brincadeiras neste ambiente tornam-se uma atividade de aprendizagem significativa, criativa e prazerosa. A relação de vínculo afetivo estabelecida entre educador e aluno, certamente facilitará o desenvolvimento do aluno. E se tratando de educação infantil isso é primordial, pois as crianças necessitam de atenção voltada a elas o tempo todo, pois ainda são um tanto dependentes.

Para Craidy e kaercher (2001) a capacidade de representação do ser humano não está presente nos recém-nascidos e nem nos animais, isso ocorre a partir do momento em que a criança torna se capaz imaginar, desenvolvendo assim diferentes formas de expressão como: oralidade, desenhos, música, expressão corporal e é através destas que estabelece relação com meio em que vive.

METODOLOGIA

Nossa pesquisa foi parametrizada, inicialmente por uma revisão bibliográfica, que embasou a escolha do tema, assim fizemos uma seleção de fundamentos relevantes para o objeto de estudo escolhido.

Nessa direção, pautando-nos por uma abordagem qualitativa de pesquisa em educação, visando alcançar o objetivo proposto, fizemos uma pesquisa *in loco* para captação de dados, com base em observações e coleta de materiais.

A pesquisa foi desenvolvida numa creche de Educação infantil, deste município, em que o público alvo foram os alunos matriculados numa turma de maternal I, composta por quinze (15) crianças e a professora regente. O período de observação aconteceu durante 20 (vinte) dias de aula.

RESULTADOS DA PESQUISA

Para que as crianças tomem gosto pela leitura no âmbito da educação infantil, durante a observação podemos constatar que a educadora se utilizava de vários mecanismos lúdicos para que a contação de histórias fosse um momento mágico.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil corrobora nesse sentido:

Ter acesso à boa literatura é dispor de uma informação cultural que alimenta a imaginação e desperta o prazer pela leitura. A intenção de fazer com que as crianças, desde cedo apreciem o momento de sentar para ouvir histórias exige que o professor, como leitor, preocupe-se em lê-la com interesse, criando um ambiente agradável e convidativo à escuta atenta, mobilizando a expectativa das crianças, permitindo que elas olhem o texto e as ilustrações enquanto a história é lida. (2001 c, p. 143).

A professora se caracterizava para este momento, colocando um chapéu e acessórios (esses acessórios, ela mencionava para as crianças, que tinham poder mágico, pois faziam a professora ter inspiração para contar as histórias).

Observamos que o momento de contação de histórias era uma atividade desenvolvida pela educadora em sala todos os dias e no mesmo horário.

Em seguida a educadora posicionava na frente dos alunos segurando o livro aberto, para que todas as crianças pudessem visualizar as ilustrações, fazia a introdução da história com uma musiquinha que abordasse o assunto. Os alunos todos cantavam muito empolgados. Logo ela começava a contar a história fazendo vozes, caras e bocas dos personagens. Em algumas histórias ela fazia adaptações, trazendo para realidade vivenciada pelos alunos.

Durante e após a contação de história, a professora fazia questionamentos para as crianças, o que ia acontecer com cada personagem? Tal ruído era a voz de qual animalzinho? O que entendeu? E o que viu na história? Assim, “em vez de

“ficarem quietas e escutarem”, as crianças podem ter a chance de expressar próprios pensamentos e reações em relação à história” (GOLDSCHMIED e JACKSON, 2006, p.169).

Depois, a educadora permitia que o livro passasse pela mão de cada criança para apreciá-lo individualmente. Arce e Martins dizem que “é preciso estimular a criança desde cedo, a conviver com livros, incentivá-las a ouvir, folhear, observar, valorizar a cultura [...]” (2001, p.173). O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil reforça isso destacando que:

[...] as crianças constroem o conhecimento a partir das interações que estabelecem com as outras pessoas e com o meio em que vivem. O conhecimento não se constitui cópia da realidade, mas sim, fruto de um imenso trabalho de criação, significação e ressignificação. (2001 a. p 21-22).

Essa afirmação é relevante, pois é através de atividades assim, que estimulem o desenvolvimento pleno da criança, tendo-os como participantes e não apenas como meros expectadores que poderemos contar no futuro com cidadãos formadores de opiniões.

Percebemos que educadora se utiliza de uma diversidade de materiais impressos portadores de textos como: livros, revistas, gibis, panfletos entre outros, para potencialização da leitura dos alunos. Os PCNs (2001, p. 30) corroboram nesse sentido quando afirmam que: “Cabe, portanto, à escola viabilizar o acesso do aluno ao universo dos textos que circulam socialmente, ensinar a produzi-los e interpretá-los”. Isso significa afirmar que:

Na sua prática docente o professor deve desenvolver no educando competências que o levem a reconhecer que a pluralidade de diversos textos que contribui para o desenvolvimento de sua auto-estima, seu sentido de cidadania e seu papel social (PEREIRA *et alii*, 2006, p.29)

A diversificação de gêneros textuais será fundamental no processo de formação de leitores, considerando que assim haverá desescolarização da leitura, ou seja, os docentes oportunizarão a compreensão de que a leitura não está apenas associada aos livros, principalmente os didáticos e literários, consagrados como referência de leitura.

Além disso, a professora utilizava com frequência os recursos tecnológicos como: datashow, computador, TV, DVD e celular, como material didático pedagógico no desenvolvimento das atividades em sala de aula. Com esses mecanismos ela apresenta musiquinhas, histórias dramatizadas por crianças, vídeos entre outros.

Durante o período da pesquisa podemos constatar que a atividade de contação de histórias era um momento prazeroso, criativo e significativo para as crianças. Elas ficavam muito atentas. Percebemos as sensações e emoções de uma estampa em seus rostinhos e com olhinhos vidrados a cada página do livro e muito mais ainda na educadora, pois sua interpretação era genial, “o ideal da literatura infantil é fazer com que as crianças unam o entretenimento e a instrução ao prazer da leitura. (COSTA, 2009, p.117)”. Isso nos remete dizer que, na educação infantil a forma lúdica de ensinar é um dos mecanismos fundamentais no desenvolvimento da aprendizagem das crianças.

Percebemos que as crianças interagem nessa atividade de modo espontâneo e ficavam muito felizes com os elogios da professora a cada contribuição dada sobre a história, foi muito interessante e instigante, observar esse procedimento. Nesse sentido o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (2001 c) enfatiza:

[...] o contato com o maior número possível de situações comunicativas e expressivas resulta no desenvolvimento das capacidades linguísticas das crianças, uma das tarefas da educação infantil é ampliar, integrar e ser continente da fala as crianças em contextos comunicativos para que ela se torne competente como falante (p. 135).

Isso significa que, no âmbito educacional desde pequenas, as crianças precisam ser instigadas a participar de forma ativa nas atividades desenvolvidas, para que futuramente sejam cidadãos formadores de opiniões.

Outro detalhe interessante que notamos, é o fato de os alunos ficarem empolgados quando vão à biblioteca. Isso ocorre porque o ambiente é organizado (com algumas limitações) para o público da educação infantil, tendo um acervo com livros lúdicos e sensoriais, possibilitando o manuseio e, automaticamente, a imaginação dos pequenos frequentadores. Nesse sentido, é importante destacar que “na biblioteca, existe a oportunidade de desfazer o condicionamento da leitura, através da apresentação da diversidade de opções de leitura, com a livre escolha da criança e o contato agradável com os livros” (COSTA, 2009, p. 197). Nessa perspectiva, é importante frisar que os alunos, desde a educação infantil, devem ter acesso à biblioteca, pois neste ambiente a curiosidade e criatividade das crianças são mais aguçadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desse trabalho procuramos entender em que medida e de forma as atividades lúdicas utilizadas na Educação Infantil, potencializam o processo de leitura das crianças, com dois (2) anos de idade, sendo possível constatar que a ludicidade é de suma importância para o desenvolvimento integral da criança, pois nesta fase o brincar é viver.

De acordo com autores estudados para embasar nosso trabalho, as atividades lúdicas são indispensáveis no âmbito da educação infantil, pois elas desenvolvem nas crianças, a criatividade, a imaginação e o aprender com prazer.

Nesse sentido, constatamos que a educadora procura desenvolver a aprendizagem das crianças sempre respaldando sua metodologia com atividades lúdicas e para contação de histórias, antecipadamente procura selecionar um bom material preocupando-se e considerando a fase de desenvolvimento em que as crianças se encontram.

Diante disso podemos constatar que os materiais e a metodologia utilizada pela educadora foram essenciais para o processo de potencialização da leitura da turma pesquisada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARCE, Alessandra e MARTINS, Lígia Márcia (Orgs). *Quem tem medo de ensinar na educação infantil? em defesa do ato de ensinar*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial Curricular para a Educação Infantil. Vol.1. Introdução*. Brasília: MEC/SEF, 2001a.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial Curricular para a Educação Infantil. Vol.2. Formação Pessoal e Social*. Brasília: MEC/SEF, 2001b.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial Curricular para a Educação Infantil. Vol.3. Conhecimento de Mundo*. Brasília: MEC/SEF, 2001c.

_____. Parâmetros Curriculares Nacionais. *Língua Portuguesa*. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. 3ª ed. Brasília: A Secretaria, 2001

CHUPIL, Priscila. *Fundamentos teóricos e metodológicos da educação infantil*. 1ª ed. Curitiba, PR: IESDE BRASIL S/A, 2015

COSTA, Marta Morais da. *Literatura Infantil*. 2ª ed. Curitiba: IESDE BRASIL S/A, 2009

CRAIDY, Carmem Maria e KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva (Orgs.). *Educação infantil: pra que te quero?*. Porto Alegre: Artmed, 2001

GOLDSCHMIED, Elinor e JACKSON, Sonia. *Educação de 0 a 3 anos: o atendimento em creche*; Trad. Marlon Xavier. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006

HAITINGER, Max Guunther. *Movimento*. 1. Ed, rev..- Curitiba, PR: IESDE BRASIL, 2012

KLEIMAN, Ângela. *Oficina de Leitura: teoria e prática*. 10ª ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 2004.

_____. *Texto e Leitor: Aspectos cognitivos da Leitura*. 9 ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 2004.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. (Org.) *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. 11. ed – São Paulo: Cortez, 2008.

PROSSER, Elisabeth Seraphim. *Ensino de artes*. 1. Ed, rev..- Curitiba, PR: IESDE BRASIL, 2012

SEBASTIANI, Márcia Teixeira. *Fundamentos teóricos e metodológicos da educação infantil*. 2ª ed. Curitiba: IESDE, 2009

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. 6ª ed. Porto Alegre: Art Méd, 1998.

ⁱ Artigo Publicado em 03/010/2019. *Revista Acadêmica Online*. Edição V.V; N. 28 (set/out) 2019

